

PARECER TÉCNICO sobre “CAVALGADA”

São Paulo, 22 de julho de 2019 – Irvénia L. S. Prada

- I. **Do que consiste** – a “cavalgada” é evento tradicional de vários municípios do estado de Tocantins (TO), no Brasil. Dezenas de “comitivas”, com a participação de cavaleiros e amazonas e centenas de cavalos partem de várias regiões do estado e tomam as ruas das cidades em desfiles que são acompanhados por moradores e políticos.
- II. **A vitimização dos animais** - dada a ocorrência de morte de cavalos durante ou após a cavalgada, o que tem sido observado nos últimos tempos, as prefeituras e o Ministério Público vem sendo acionados pela própria comunidade no sentido de providências que evitem esse tipo de nefasto acontecimento.

Como exemplo, da matéria intitulada “*Animais morrem após participar de cavalgada neste fim de semana no Tocantins*”, assinada por Nielcem Fernandes (03/06/2019) e disponível na internet, constam as seguintes informações:

*Dois animais morreram durante a tradicional 'Cavalgada Ecológica' do município de Pium (TO) que ocorreu neste fim de semana. A cavalgada, com **percurso de 75 km**, começou no sábado (1º de junho) e só terminou na tarde de domingo (02 de junho) no Parque de Exposições da cidade. Segundo os moradores, essa não é a primeira vez que animais morrem devido ao esforço físico durante a cavalgada. "Como tradição, a famosa cavalgada ecológica acontece em Pium todos os anos, reunindo milhares de pessoas do município e região. Mas, infelizmente, são os animais que sofrem ao serem utilizados para exaltar o ego dos donos. Obrigados a andar **mais de 70 km no sol quente**, muitos não conseguem chegar ao*

*destino final devido à falta de cuidado. **Nos eventos passados não foi diferente**, no ano de 2016, 2017 e 2018 morreram vários animais devido a maus-tratos. Alguns participantes reclamam da falta de fiscalização pelos direitos dos animais, porém até hoje nenhuma ONG se pronunciou a respeito disso, relatam os moradores (eu destaquei algumas expressões).*

III. Por que isso acontece? – infelizmente, a nossa cultura tem fortes resíduos de um modelo cultural de subjugação e exploração dos animais, à custa do que o ser humano tem visto os **animais como “coisas” disponíveis e descartáveis**. É atribuído a René Descartes, o expressivo filósofo da chamada “Revolução Científica” do século XVII, o conceito de que *sensibilidade seria atributo da alma (humana), motivo pelo qual caberia para os animais – considerados desprovidos de alma - apenas a condição de máquinas automatizadas, sem nenhuma sensibilidade e, em consequência, sem a menor possibilidade de vivência de dor ou sofrimento*. É também atribuída a Descartes a consideração de que *gemidos emitidos pelos animais nunca deveriam ser interpretados como sinais de sofrimento, mas apenas como automatismos da ‘máquina’, à semelhança de como se produzem os ruídos de uma roda de carroça em movimento*.

Essa visão do ser humano em relação aos animais *caiu como uma luva* em suas pretensões egocentradas, valendo-se deles, de forma abusiva, em seu benefício. Caracterizou-se, assim, o chamado “Paradigma Antropocêntrico” (*antropos*, do grego = ser humano), forma de pensamento e de conduta que prioriza o bem-estar apenas do ser humano, recomendando-se ainda a exploração e domínio total da natureza em favor próprio.

As práticas que até hoje se perpetuam nos deprimentes e inaceitáveis espetáculos de diversão humana ainda se acham profundamente arraigadas nesse anacrônico paradigma, sendo importante o entendimento de que cada uma delas não representa um fato isolado, pelo contrário, todas fazem parte do mesmo contexto. **A indiferença pelo sofrimento dos animais permeia todas essas**

atividades permitindo abusos, maus tratos e crueldade, sem que as pessoas se dêem conta disso ou se importem com isso.

IV. Possibilidades de ocorrência de lesões corporais e afecções nos cavalos submetidos a esforços abusivos – os eqüinos são animais que apresentam uma arquitetura muito especial em seu físico, conforme se pode verificar em diversas publicações acadêmicas.

- **anatomia de seus membros** - no processo evolutivo dos eqüinos foi valorizado o alongamento de suas pernas, pelo fato de viverem primitivamente em ambientes amplos nos quais ficavam totalmente expostos à ação de seus predadores (de modo geral, grandes felinos). O apôio de cada um dos membros aos poucos foi se reduzindo para um só dedo, o terceiro (o dedo do meio), mostrando-se ainda nos cavalos atuais, resquícios anatômicos do segundo e do quarto dedos que, entretanto, não tocam o solo. Assim, o casco dos cavalos representa nada mais nada menos do que a unha (modificada) do terceiro dedo. Portanto, **é admirável que um animal que pesa entre 300 e 500 kg (dependendo da raça), consiga se apoiar, qual um bailarino, na ponta de um dedo apenas, em cada um dos membros. Essa característica, que por um lado confere elegância à marcha, de outra parte traz consigo uma grande fragilidade anatômica e funcional à extremidade distal (final) dos membros.**

Esta é a razão pela qual grande parte das afecções ortopédicas dos cavalos se concentra na extremidade distal de seus membros (a extremidade de apôio).

Assim, pelas razões expostas, **é grande a possibilidade de ocorrência de lesões ósseas, articulares, ligamentares e tendíneas em cavalos submetidos a grandes esforços, sejam os de corrida, de salto, de tração ou de caminhada exaustiva, categoria esta última da qual fazem parte os que são submetidos às cavalgadas de longo percurso.**

- **anatomia de sua coluna vertebral** – a coluna vertebral acha-se constituída por uma série de ossos curtos, as vértebras, que nos eqüinos dispõem-se da

seguinte maneira (“Anatomia dos Animais Domésticos”, de Robert Getty, cap. 15): 7 cervicais, 18 torácicas, 6 lombares, 5 sacrais e de 15 a 21 coccígeas ou caudais. Duas dessas regiões mostram fragilidade anatômica e funcional, tais sejam as regiões cervical e lombar. **A região cervical mostra arquitetura em arco, no qual se identificam dois segmentos que são os mais sujeitos às forças que incidem sobre o pescoço e, conseqüentemente, onde as lesões traumáticas se instalam com mais facilidade.** Um dos segmentos correspondente à metade do comprimento do pescoço, comprometendo a **3a. e a 4a. vértebras cervicais**, sendo este o local de maior curvatura (de concavidade ventral) do arco. O outro segmento abrange **da 5a. à 7a. vértebras cervicais**, local onde a curvatura do arco se inverte (concavidade dorsal) para se continuar com a porção torácica da coluna vertebral.

Em grandes animais (cavalos, bovinos e também cães de raças avantajadas), este último local costuma ser sede de uma afecção acompanhada de muita dor (**“Síndrome de Wobbler”**), pois esta é a região de emergência do plexo braquial, conjunto de nervos calibrosos que se destinam à inervação da região e ainda dos membros torácicos. Geralmente se trata de uma **sub-luxação das últimas vértebras cervicais, produzida por traumatismo violento ou esforço físico excessivo a que são submetidos os animais, agravando-se o quadro particularmente naqueles que ainda se acham em crescimento.**

A região lombar também se apresenta anatomicamente frágil pelo fato de constituir-se em elemento de ligação entre as regiões torácica (conectada às costelas) e sacral (conectada aos ossos do quadril) sem ter, como as outras duas, elementos ósseos de sustentação em seu entorno.

- **sobre a possibilidade de ocorrência da *rabdomiólise*** - uma outra preocupação vem à tona no caso dos equinos submetidos a maus tratos, pois sabe-se que **o esforço físico exagerado pode levar a um quadro de exaustão muscular conhecido tecnicamente como *rabdomiólise*, *mioglobinúria* ou *azotúria*** (“Rabdomiólise em Equinos” – Santos, D.E. ; Paula, F.C. ; Avanza, M.F.B.
- REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE MEDICINA VETERINÁRIA – ISSN:

1679-7353, Ano VII – Número 12 – Janeiro de 2009). Trata-se de uma enfermidade que acomete eqüídeos que em determinadas ocasiões - como participação em torneios e festividades - são submetidos a esforço físico além de sua capacidade, ou seja, além da solicitação do esforço de sua rotina, sendo que a situação se complica quando são alimentados com dietas ricas em concentrados.

Como consequência do esforço físico exagerado ocorre um **acumulo de ácido láctico na musculatura, causando como principais sintomas: dor, rigidez muscular, dificuldade de locomoção e tremores musculares, sintomas estes aos quais se soma o surgimento de urina escura**. O quadro progredindo, o animal pode optar pelo decúbito (o animal de deita), adotando primeiramente posição de cão sentado. Segundo o artigo citado, cavalos afetados mais gravemente pela *rabdomiólise* terão recidivas mesmo após exercícios leves.

Com foco em sua fisiopatogenia (características de como a enfermidade se processa), a *rabdomiólise* se caracteriza por uma lise do tecido muscular, ou seja, por uma destruição da estrutura muscular, o que **resulta metabolicamente em insuficiência renal e sofrimento orgânico** que pode culminar com a morte. Há também nestes casos, **sobrecarga das funções cardiovascular e respiratória, com elevação da pressão arterial, além de sofrimento físico e mental**, o que ocorre pelo mal-estar e dores que sente.

V. O estresse dos animais submetidos a esforço físico exaustivo - é preocupante a ocorrência de episódios de dor/sofrimento nos animais submetidos a competições e exhibições, não apenas pela **possibilidade de acontecerem lesões corporais, mas também pelos danos psicológicos resultantes**. Mesmo que não sejam detectadas lesões (o que não significa que elas não existam), não se pode afirmar que o animal não sofra, pois o simples fato de estar sendo subjugado e obrigado a esforço exaustivo, por si só representa fator determinante de sofrimento físico e mental. A presença ou ausência de lesão física não é tudo.

Aliás, **é necessário se entender que nem sempre a ausência de lesão aparente significa ausência de sofrimento**. Por exemplo, uma pessoa pode receber um tapa no rosto e não apresentar nenhuma lesão indicativa do fato. Isso

confirma o enunciado metodológico de que **“a ausência de evidência não significa evidência de ausência”**.

VI. Os animais são seres sencientes - apesar dos avanços científicos, desde a década de 1950, no entendimento da verdadeira natureza dos animais, e particularmente da Etologia (estudo do comportamento), o ser humano ainda faz vistas grossas às evidências incontestáveis de que os animais não são simples *máquinas cartesianas*, mas são seres sencientes (do latim *senties* = que sente, que tem sensibilidade e inteligência). Para informações mais detalhadas, pode-se consultar o capítulo **“Os Animais são Seres Sencientes”, de minha autoria**, constante do livro “Instrumento Animal. O uso prejudicial de animais no ensino superior”, organizado por Thales Tréz e patrocinado pela interNICHE - www.interniche.org (Bauru, SP: Canal 6, 2008).

Entre os inúmeros estudiosos do assunto, basta nos lembrarmos do cientista contemporâneo **Rupert Sheldrake, respeitado pesquisador da Universidade de Cambridge - UK**, criador da teoria dos “campos mórficos” (campo mórfico = matriz eletromagnética do corpo físico) e também da tese de que os animais se comunicam telepaticamente com os seres humanos. Igualmente vale a citação de **Donald R. Griffin, biólogo da Harvard University**. Griffin é autor da expressiva obra **“Animal Minds” (1994)**, dedicada ao estudo da mente e da expressão da consciência nos animais. Nesse enfoque, tornou-se pioneiro no campo da Etologia Cognitiva – termo que cunhou em seu livro **“The Question of Animal Awareness” (A Questão da Consciência Animal)**, publicado em 1976 - vertente da ciência-mãe (Etologia) que hoje discute sem preconceitos essas questões.

Em 1989, na condição de docente da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, publiquei na Revista de Educação Continuada dessa instituição, **artigo com o título “Os Animais têm Alma?” (alma enquanto mente, psiquismo)**, justamente mostrando as evidências incontestáveis de que como os seres humanos, os animais também são possuidores dessa dimensão chamada de mente ou psiquismo. Nesse artigo, que serviu de base ao **meu livro “A Alma dos Animais” (1997) – “alma” enquanto mente, psiquismo**, estabeleço a assertiva

de que as diferenças de estruturação entre o cérebro humano e o dos animais, são de natureza quantitativa e não qualitativa, assertiva esta que sustenta a seguinte conclusão – ***“se o cérebro humano pode ser visto como instrumento de manifestação da mente, no ser humano, o mesmo conceito pode ser estendido aos animais, ou seja, o cérebro dos animais pode ser entendido como instrumento de manifestação de seu psiquismo, segundo as características de cada espécie”***.

- o manifesto de Cambridge - a postura cartesiana mecanicista, segundo a qual os animais são apenas “máquinas” automatizadas, sem sensibilidade alguma, ou seja, são “coisas” utilizáveis e descartáveis, sofreu recentemente o “golpe fatal” que a derruba por terra, definitivamente.

Em meados de 2012, durante a realização da Francis Crick Memorial Conference, na Cambridge University, no Reino Unido, 26 neurocientistas de diversos países, liderados pelo Dr. Philip Low, pesquisador da Stanford University e do Massachusetts Institute of Technology, USA, emitiram oficialmente uma declaração (em 07 de julho de 2012) – ***“The Cambridge Declaration on Consciousness in Human and Non-Human Animals” (Declaração sobre a Consciência em Animais Humanos e Não-Humanos)***.

Entre esses 26 neurocientistas encontram-se neurocientistas cognitivos, neurofarmacologistas, neurofisiologistas, neuroanatomistas e neurocientistas da computação, entendendo que as estruturas cerebrais relacionadas à expressão da consciência em seres humanos, também existem nos animais. De seu manifesto, consta a expressão: ***“Não é possível mais dizer que não sabíamos”*** (que os animais têm consciência).

Da mesma maneira, ***“não podemos mais negar ou fazer de conta que não existe, o conhecimento por demais explícito de que os animais sofrem, têm sensações, têm memória, fazem associação de idéias, ou seja, têm um psiquismo rico que merece e precisa ser respeitado”***.

Aliás, já dizia Carlos Brandt (*in* LEVAL, T.B. – Vítimas da Ciência. Limites Éticos da Experimentação Animal. Campos de Jordão, SP - Editora Mantiqueira,

2001, p 67), que ***“o processo evolutivo do homem anda atrasado porque não há luz em seu cérebro nem música em seu coração que lhe permita seguir um fecho luminoso chamado compaixão”***.

VII. A questão do Bem-Estar Animal – é consenso entre as entidades protetoras de animais, que a avaliação de bem-estar animal deve considerar o atendimento às necessidades físicas (espaço e alimentação, entre outras), mentais (estimulação ambiental e social) e naturais (expressão do comportamento natural) de cada espécie.

Também hoje é bem conhecido o **“Princípio da Cinco Liberdades”**, exarado pela **Farm Animal Welfare Council (FAWC)**, entidade do Reino Unido. Ele reúne premissas que devem ser atendidas em relação ao bem-estar animal para qualquer espécie, recomendando-se que em toda e qualquer situação **os animais devem estar livres: 1 – de fome e sede; 2 - de desconforto; 3 - de dor, lesões e doenças; 4 – de medo e estresse; 5 - para expressar seu comportamento natural.**

Não é difícil se concluir que **a situação dos cavalos submetidos à exaustivas cavalgadas afronta a maior parte, se não a totalidade dos itens do “Princípio das Cinco Liberdades”**.

VIII. Lida com os animais em atividades no campo é uma coisa, provas competitivas e participação dos animais em festejos são outra coisa – as práticas que envolvem a participação de animais no campo são muito diferentes daquelas implicadas em disputas, festejos e espetáculos de diversão (humana). É aceitável que os animais participem dos trabalhos a que o ser humano se proponha, contanto que haja respeito pelas suas condições de bem-estar e de vivência harmônica, respeitando-se seus limites de força e de necessidade de repouso.

Outra coisa, entretanto, é submeter e subjugar animais a condições “desumanas” de trabalho forçado e ainda mais, de diversão às custas de seu sofrimento. Isso é absolutamente inaceitável, pois não satisfaz mais os ideais de

seres humanos que querem transcender para a vivência de patamares éticos mais elevados de dignidade pessoal e coletiva, a que todos estamos destinados.

Portanto, **é simplista demais qualquer comparação que se queira estabelecer entre o que acontece no dia-a-dia das lidas no campo, com o volume de exigência, de subjugação e de exploração dos cavalos submetidos a esforços exaustivos nos festejos da cavalgadas.**

IX. Os argumentos “tradição” e “cultura” – as pessoas ligadas a práticas que envolvem abusos e maus tratos para com os animais, como é o caso de rodeio, vaquejada, tourada, farra-do boi, “puxada”, cavalgada e outras tantas, costumam dizer que esses eventos representam tradição e cultura, pretendendo com isso justificar-lhes a ocorrência.

Acontece que existem tradições (boas) e tradições (más) e culturas (boas) e culturas (más)... Por exemplo, há pouco mais de cem anos, a escravidão de negros era prática tradicional e cultural de alguns países, inclusive do Brasil. Até os dias de hoje a mutilação genital de meninas ainda se caracteriza como prática tradicional e cultural, em determinadas sociedades, sendo que qualquer consciência desperta que se preze não tem como admitir que sejam práticas válidas, simplesmente por se basearem em “tradição e cultura”! Portanto, é hora de se discernir o joio do trigo...

X. A Questão social - é lamentável que toda a população de um estado permita que uma minoria de consciência adormecida persista na prática inaceitável de utilização de animais de maneira inadequada, conferindo-lhes maus tratos e mesmo crueldade.

O ser humano, de inteligência tão pródiga na aquisição de tantas conquistas científicas e tecnológicas, já teria condições de recorrer à vivência de harmonia com os animais e outros elementos da natureza, o que certamente lhe dignificaria a personalidade. Sabendo também que o silêncio dos bons representa sempre fator de engrandecimento das ações dos irresponsáveis, faço votos de que a

população de Tocantins se insurja contra as práticas abusivas das cavalgadas, absolutamente inaceitáveis por todos os padrões de ética que se possam imaginar.

XI. Implicações Éticas. Temos o direito de dispor dos animais? – o conhecimento atual de que os animais são seres sencientes implica em profundas reflexões de natureza ética. O cientista Donald R. Griffin, já citado, assim se expressa em relação ao assunto: “Em termos científicos... nossa antiga premissa de que os animais não tem consciência, está se tornando cada vez mais questionável. Além do mais, há implicações morais e éticas nesse conhecimento”.

Em verdade, nem seria necessária tanta pesquisa e tanto conhecimento para se reconhecer os atributos psíquicos e cognitivos dos animais, conforme postulou há muito tempo, o filósofo inglês Jeremy Bentam (1748 – 1832) ao considerar: **“Não devemos perguntar se os animais são capazes de raciocinar ou de se comunicar, mas apenas se são capazes de sofrer!”.**

Por que os seres humanos, particularmente os do gênero masculino, têm tanta dificuldade em admitir que possam sentir compaixão pelo sofrimento dos animais?

É promissora a constatação de que “as coisas estão mudando”. Quem diria que a caça à raposa, evento esportivo “tradicional” da Inglaterra, desde 1660, um dia seria proibida? Pois é! A caça à raposa está legalmente proibida na Inglaterra desde 2005.

E quem diria que um dia seriam proibidas touradas na Espanha? Ainda não em toda a Espanha, mas na região da Catalunha foi decidido em 28/07/10, o fim das touradas a partir de 2012, o que felizmente acabou acontecendo.

Estes fatos mostram que o processo de abertura da consciência humana é irreversível, de tal forma que acabar com essas práticas abusivas em relação aos animais, irá acontecer com a boa vontade de alguns e apesar da má vontade de muitos.

XII. Conclusões e Parecer Final

Considerando que:

- nas “cavalgadas” do estado do Tocantins tem havido evidências, divulgadas pela mídia, de maus tratos em muitos dos cavalos participantes, inclusive com ocorrência de morte desses animais durante ou após os eventos;
- ainda hoje existem resíduos culturais desse modelo de pensamento e de conduta humana que se utiliza dos animais sem lhes respeitar sua capacidade de sofrimento físico e mental, o que se evidencia claramente nos deprimentes espetáculos de diversão – como rodeios, vaquejadas e animais em circos - e em alguns eventos festivos - como é o caso das cavalgadas;
- o esforço físico exagerado imposto aos animais causa-lhes exaustão orgânica, fadiga extrema e intensa dor no corpo por lise do tecido muscular (desintegração das fibras musculares), sobrecarga das funções cardíaca e respiratória e exagerada produção de ácido láctico, o que pode determinar quadro de insuficiência renal com variáveis graus de comprometimento de sua saúde (***rabdomiólise***);
- existe grande possibilidade de ocorrência de lesões orgânicas e de estresse psicológico nos animais submetidos a esforços exagerados e condições adversas;
- existem evidências inquestionáveis de que os eqüinos, como todos os animais, são seres sencientes, não se podendo mais negar ou fazer de conta que não existe o conhecimento por demais explícito de que eles sofrem, têm sensações, têm memória, fazem associação de idéias, ou seja, têm um psiquismo rico que merece e precisa ser respeitado;

- a situação dos cavalos submetidos a condições adversas nas cavalgadas afronta a maior parte, se não a totalidade dos itens do “Princípio das Cinco Liberdades”, segundo o qual em toda e qualquer situação os animais devem estar livres: 1 – de fome e sede; 2 - de desconforto; 3 - de dor, lesões e doenças; 4 – de medo e estresse; 5 - para expressar seu comportamento natural;

- é simplista demais qualquer comparação que se queira estabelecer entre o que acontece no dia-a-dia das lidas no campo, com o volume de exigência, de subjugação e de exploração dos cavalos submetidos a esforços exagerados;

- não são válidos os argumentos de “tradição” e “cultura” utilizados pelas pessoas ligadas a práticas que envolvem abusos e maus tratos para com os animais, uma vez que esses termos “tradição” e “cultura” podem também se mostrar associados a situações profundamente negativas;

- não é mais válida a antiga premissa de que os animais não tem mente, nem consciência, nem sensibilidade, haja vista recentes publicações de cientistas, como é o caso do “Manifesto de Cambridge” (07/07/12) em que 26 neurocientistas de todo o mundo declararam sua convicção quanto à existência de consciência nos animais, do que resultam sérias implicações éticas para o comportamento humano;

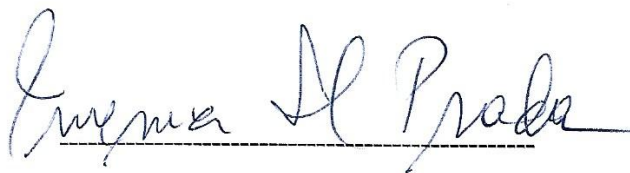
- o Código de Ética do Médico Veterinário veda ao profissional praticar ou permitir que se pratiquem atos de crueldade para com os animais, inclusive em práticas esportivas;

- o paradigma cultural de subjugação e exploração da natureza, nela incluindo os animais, é anacrônico e ultrapassado, não sendo mais admissíveis situações em que alguém se divirta às custas do sofrimento dessas criaturas;

- está implícita no psiquismo do ser humano, a busca de sua transcendência para o alcance de patamares éticos cada vez mais elevados de dignidade pessoal e coletiva,

Face ao exposto, é meu PARECER TÉCNICO totalmente contrário à realização das “cavalgadas” do estado do Tocantins, da maneira como vem acontecendo, sendo por isso recomendável a sua proibição imediata.

São Paulo, 22 de julho de 2019.



IRVENIA LUIZA DE SANTIS PRADA

- Médica Veterinária – CRMV – SP – no. 0525
- Professora Titular (aposentada) em Anatomia, com área de domínio em Neuroanatomia Funcional – FMVZ – USP
- Professora Emérita - FMVZ – USP
- Membro da Academia Paulista de Medicina Veterinária (cadeira de no. 21)
- Idealizadora e coordenadora do MEDVESP – Movimento Cultural de Medicina Veterinária e Espiritualidade, desde 2010, com sede na FMVZ – USP.
- Idealizadora e coordenadora do NUVET – Núcleo de Medicina Veterinária e Espiritualidade junto à AME – SP (Associação Medico-Espírita) e AME – BRASIL
- Autora dos livros:
 - Neuroanatomia Funcional em Medicina Veterinária. Com correlações clínicas. São Paulo: Terra Molhada, 2014.
 - A Alma dos Animais. Casa Editora O Clarim, Matão - SP, 2018.
 - A Questão Espiritual dos Animais. 12ª. edição. São Paulo, FE Editora Jornalística Ltda, 2018.
 - Prada, I.L.S. ; Iandoli Jr. ; Lopes, S.L.S. O Cérebro Triúno a serviço do Espírito. São Paulo, AME-Brasil Editora, 2017.
 - Espiritismo. Razão como método, mediunidade como laboratório, moral como objetivo - São Paulo, FE Editora Jornalística Ltda, 2019.